

Viagens da Saudade

Coordenação

Maria Celeste Natário
Paulo Borges
Luís Lóia

Organização

Cláudia Sousa
Nuno Ribeiro
Rodrigo Araújo

Porto

2019

FICHA TÉCNICA

Título: **Viagens da Saudade**

Coordenação: Maria Celeste Natário
Paulo Borges
Luís Lóia

Organização: Cláudia Sousa
Nuno Ribeiro
Rodrigo Araújo

Editor: Universidade do Porto. Faculdade de Letras

Ano de edição: 2019

ISBN: 978-989-8969-26-2

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8969-26-2/viag>

URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1671&sum=sim>

Luís Lóia *

O *des-envolver* como condição saudosa para a indiferenciação

Resumo: Procuramos mostrar como, para Eudoro de Sousa, o regresso ou ingresso a uma condição primordial de plenitude exige uma metamorfose, que se dá por morte da condição de vida objetiva, daquele que se disponibiliza para uma vida simbólica, retirando os envolventes que o encobrem, isto é, des-envolvendo-se.

Palavras chave: Mitologia, Metamorfose, Catábise, Indiferenciação

The unveiling as condition to the *aspired* indifference

Abstract: We seek to show how, for Eudoro de Sousa, the return or entrance into a primordial condition of fullness requires a metamorphosis, which occurs by the death of our condition in objective life, removing the envelopes that cover it, in order of a symbolic life

Keywords: Mythology, Metamorphosis, Catabasis, Indifferentiation

* Instituto de Filosofia da Universidade do Porto. E-mail: luisloiaucp@gmail.com

Eudoro de Sousa, em *Mitologia*⁴⁷⁹, começa por afirmar que o homem é aquele que recusa o que gratuitamente lhe é dado, isto é, recusa-se a si próprio, recusa a sua natureza. Este homem que recusa e se recusa não se pode encontrar a si próprio, vive exilado, encerrado numa objetivação que o torna e torna o mundo em que vive num mundo de coisas. É a recusa em ir ao fundo, ao fundamento primeiro e radical, *descendo*⁴⁸⁰ ao encontro do seu ou do ser-Origem. Seja no termo ou no início, pretende-se a afirmação de um pensar que tem que descer ao limite do pensamento categoriável, ao liminar do impensável, onde, transversalmente e entre ambos, se encontra o Mito. Não se reconhece que Homem e Mundo não se podem apartar, porque ser homem e ser-se no mundo, nesse Mundo em que o homem está e esse Homem que está no mundo, ambos se encontram projetados no mesmo projeto e é isso que o homem recusa.

A constatação parte do princípio que Homem e Mundo são partes constituintes de um mesmo *Projeto*, onde estão simbolicamente co-implicados e do qual dependem para verdadeiramente serem, em estreita unidade indiferenciada. Ora, é precisamente a quebra desta unidade indiferenciada, pela afirmação de um homem que se isola, distinguindo-se, da *Natura*, que constitui a recusa. Isto é, a consciencialização da individualidade humana quebra o *Projeto* que coordena Homem e Mundo. Podendo-se entender esse *Projeto* como Cultura que a cada momento torna possível a afirmação ou a apresentação do que é a partir de algo que lógico- discursivamente ainda não era, como condição de possibilidade desse que vem a ser, compreendemos, então, que o Mito é originador e instituidor desse *Projeto* e é-o de modo tão claro na cultura grega que é da apartação dessa mesma unidade – o que implica a sua consideração – que se afirma a filosofia como sua característica e manifestação cultural fundamental.

Assim, segundo o afirmado, o homem grego, mas também todo o homem instaurado nesse projeto que é uma cultura, o homem moderno contemporâneo, ocidental, é aquele que recusa a aceitar o que gratuitamente lhe foi e é dado. A afirmação do homem é, paradoxalmente, a sua própria recusa e a partir daqui decorrem todas as outras determinações.

Homem e Mundo estão, mesmo assim, correlacionados até ao limite do possível ou o liminar do pensado, passando pelo pensamento pensado, e esse nexos não é o da sujeição do homem ao mundo

⁴⁷⁹ SOUSA, Eudoro de, *Mitologia*, Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1980 (2ª ed. com o título: *Mitologia I — Mistério e Surgimento do Mundo*, Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1988). A edição consultada é: SOUSA, Eudoro de, *Mitologia. História e Mito*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.

⁴⁸⁰ Grafamos em itálico como modo sugestivo para realçar a dinâmica inerente a qualquer catábese.

ou do mundo ao homem, porque isto pressupõe a oposição e até o aniquilamento de um ou de outro; o nexa também não é apenas gnosiológico, em que o homem se propõe conhecer o mundo, todo o mundo. A conexão verdadeira dá-se quando os dois termos se afeiçoam um ao outro, no entanto, todas as possibilidades já estão contidas no Projeto que projetou homem e mundo.

Assim, Cultura é o nexa dramático em que se oculta o projeto do homem, onde os homens se encontram jogados sem saberem que é um jogo e desconhecendo as regras do mesmo. Mas na cultura, no projeto, também estão jogados os deuses. Um deus, nesse projeto, é um mundo e outro deus é outro mundo; cada deus *munda*, isto é, faz seu mundo do que ainda não era – diacosmiza – , mas oculta-se, morre, no mundo que desocultou. Neste sentido, mito é ontofania, cosmofania e antropofania, é manifestação do Ser, do Cosmos e do Homem.

É por deus imergir no mundo que ele emerge que a verdadeira Mitologia está por fazer, isto é, segundo Eudoro, o âmbito da Mitologia ou, segundo nós, da *Philomythia*, será precisamente esse relato dos deuses que, morrendo, *mundam*, prejetando nesse mundo, em relação de co-implicação o Homem. Podemos, por isso, conceber uma descontinuidade de projetos, pois um homem pode estar em um mundo e outro homem em outro mundo, percebendo-se, por aí, as diferentes mundividências, tais como o mundo do selvagem e mundo do civilizado, ou o mundo do poeta e mundo do artesão, mas esse homem e esse mundo são sempre interdependentes, mesmo no âmbito da recusa ou da cisão.

Tal como o deus que se oculta quando diacosmiza, o Projeto também é Cultura envolvida e ocultada pelas suas manifestações e, no mesmo sentido, também o homem e o mundo envolvem e ocultam o projeto que os instaura⁴⁸¹. Então, o que é necessário é uma *Philomythia* que retire todos os envolventes do desenvolvimento humano, por forma a tornar presente o que está oculto ou ausente.

«Pensar é isso mesmo, tornar presente, des-envolver»⁴⁸².

⁴⁸¹ Ou seja, como nos diz Paulo Borges: «... desocultando-se e separando-se do mundo da unidade, ou de uma Natureza trans-humana, trans-natural e trans-divina, ainda sem dicotomias como a de interior e exterior, rejeitando a sua integração ritual e mítica, o Homem, por via da humanidade helénica e da nascente filosofia, converte-a na *Physis* pré-socrática, que não pode doravante senão surgir como o que se recolhe, interioriza e oculta perante o que de si destaca e exterioriza». Cf., BORGES, Paulo, *Pensamento Atlântico*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, pp. 424-425.

⁴⁸² SOUSA, Eudoro de, *Mitologia. História e Mito*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 31.

Permite-se, assim, uma leitura da história do homem como aquele que recusa, isto é, como aquele que se afirmou e se afirma envolvendo e ocultando, em etapas sucessivas do seu desenvolvimento histórico, precisamente, o Mito que o originou, não aceitando e não tomando como seu o que não seja um produto das suas próprias mãos, esquecendo que qualquer fazer seu é sempre um destruir e cada conquista sua será, neste sentido, uma destruição da própria natureza da qual o homem, mesmo querendo, não se pode exilar. Mas tal é apenas a substituição de um mito por outro mito, pois que só um mito pode substituir outro mito.

O que assistimos é a passagem, por ação do homem, da vigência próxima do Mito da Origem, para a vigência do Mito do Homem que do primeiro se afasta pela recusa do que gratuitamente lhe foi dado. Nesta passagem, o homem vê-se estranho num mundo que foi o dele quando já vive em outro mundo que dele começa a ser, pois que começa a tornar-se um outro homem, num outro projeto, numa outra cultura. Mas estes termos em que se concebe esta passagem são eles próprios reflexos de uma cisão entre o outrora e o agora, entre um projeto e outro projeto, entre um mito e outro mito. Esta cisão mostra que vieram à existência histórica culturas adversas ao mito que, efetivamente, lhes deu origem.

O mito que configura a cultura que manifestamente o recusa, e que lhe dá o seu ser de Mito do Homem, é o mito que institui a cultura grega. No caso grego, trata-se de um mito não expresso, um mito que, está oculto, um mito que não faz parte da sua mitologia, enquanto biografia dos seus deuses, mas que é um mito do mundo mediterrâneo pré-helénico: o Mito da Origem.

A Grécia é, assim, o lugar em que se desempenha o primeiro drama cultural exclusivamente humano. Dramático porque é a cultura de um homem que se constitui e se institui, como moderno ou civilizado, citadino e urbano, por exclusão dos deuses. Exemplo do afirmado é o que se oculta nos mitos trágicos, característicos da Helenidade. De facto, a tragédia grega é a tragédia de heróis que são mais do que humanos, pois que têm sempre algo de excessivo ao humano, algo que o humano já não admite porque se afirmou como demasiadamente e solitariamente humano. Essa excessividade é a presença dos deuses que dos heróis se apossaram ou que neles se presentificam quando os criam. O curioso é que os mitos trágicos podem ser entendidos ou compreendidos como a própria tragédia que se representa a origem da cultura grega. E isto tanto mais se justifica porquanto do mesmo impulso mítico dado pelo Mito da Origem, brotam todos os mitos possíveis, todos os mundos, todos os projetos todas as culturas.

De facto, na mitologia grega, o processo teogónico não nos diz como os deuses vieram a ser deuses, apenas nos diz como vieram a ser o Mundo e o Homem. Deuses acenam quando põem o mundo e o homem e neles se ocultam ou morrem ao pô-los. Deuses nascem, vêm ao mundo, vêm do Projeto que é o projeto do projetado mundo e homem particulares. Isto é mitologia, mas não biografia dos deuses; é biografia do homem e do mundo; antropografia e cosmografia entrelaçadas por um deus que se oculta no entrelaçado⁴⁸³.

Nesta complementaridade, o que o Mito é e mostra é que a Ontofania, é teocriptia e, por sua vez, teocriptia é ontocriptia e o reflexo disso é a transparência da fulguração ofuscante que é aceno de um acenado só pensável como ausência do acenante. Assim, mundo e homem existem – são – porque um deus, que é e que permanece, existiu e morreu. Daí que seja o mesmo processo, sucessivamente, aquele a que assistimos em qualquer tipo de relação que se possa instituir entre os diferentes horizontes e aqueles que neles habitam e como neles habitam – uma morte que é vida. Do mesmo impulso mítico e por isso em forma estruturalmente idêntica, irrompem os mitos na forma de catábases. Uma catábase é, literalmente, uma descida aos infernos e enquanto descida aos infernos é descida igualmente de deuses, de semi-deuses, de heróis, mas não do comum dos mortais – com exceção para o iniciado nos Mistérios –, que descreve uma transcensão que se dá no limite de um mundo onde se vê o liminar de outro. Neste duplo movimento, descendente e ascendente, catábases são as dos deuses que descem às coisas e são as dos homens que se propõem recuperar o sentido dessas coisas nos deuses. Os deuses descem desenvolvendo-se, isto é, tirando alguma camada do todo o envolvente que os cobria; os homens sobem desenvolvendo-se, isto é, retirando as camadas de objetividade que não os permitia estar disponíveis. O caminho percorrido, que uns e outros fazem, é o que corresponde, com mais fidelidade, ao que se designa por impulso mítico, força, pulsão, dinamismo que é excessivo, mas também atrativo, dado que é impulso da Origem que coliga tudo e que é e o que pode vir a ser.

No impulso mítico, que perpassa toda e qualquer catábase, isto é, que lhe é inerente, pois em contrário não poderíamos falar de mitos, os homens sobem o mesmo caminho que os deuses descem e meio caminho, entre horizontes, encontram-se, reconhecendo-se uns nos outros. O caminho que o homem inicia é em direção a um aceno de deus e esse aceno de deus se dá a partir de um mundo que já não é o mundo nem dos deuses nem dos homens. Significa que estamos entre

⁴⁸³ Cf., Idem, pp. 44-48.

mundos complementares que, em si, formam um triângulo: no vértice o Deus Acenante da Origem, na base o mundo onde irrompe o aceno e o mundo para quem se acena.

O caminho que o homem inicia, quando se disponibiliza e morre para a sua vida objetiva, é a descida ao reino dos mortos para que possa renascer no reino onde se vislumbram os acenos dos deuses. Ainda assim, este é um reino semelhante a um purgatório, pois que o homem, já não sendo apenas homem, não é ainda subsumido totalmente em deus. Neste reino da trans-objetividade, do simbólico, onde decorre o drama ritual da possível religação, é ainda um reino ou horizonte limite e liminar: limite da trans-objetividade, liminar da excessividade caótica que aí apenas se vislumbra como Fulguração Ofuscante de um Deus Acenante, da Origem⁴⁸⁴.

As catábases, ou os mitos a elas referentes, exigem a morte, mas uma morte que é condição de uma vida, ou que é apenas um morrer como momento de uma mesma vida vivida em mundos diferentes e, de facto, diferente é o homem que habita um mundo e diferente é o homem que habita entre outro mundo e, ao mesmo tempo, diferentes são os mundos que um e outro homem habitam. Significa que a catábese é ela própria uma metamorfose e as metamorfoses, neste sentido, são, ao mesmo tempo, de homens e de mundos.

No mito, a metamorfose é mudança, alteração, transmutação, é renascimento que implica uma morte para que haja uma renovação da vida, é uma passagem ou trânsito do mesmo ao outro, um trânsito que comporta um transe e um transe que possibilita um trânsito entre mundos. Instaurados pelo mesmo Deus ou pelo mesmo Projeto e compreendidos num mesmo impulso mítico, os deuses, o homem e o mundo metamorfoseiam-se do mesmo que são para o outro que vêm a ser quando percorrem os vértices da triangulação onde estão co-implicados em ordem à Origem.

Os diferentes percursos da triangulação, da Origem para o trans-simbólico ou da objetividade para o trans-simbólico, exigem uma metamorfose porque nos diferentes vértices ou horizontes, diferentes são já os homens e os mundos que eles habitam. Só morrendo num mundo podemos viver em outro, mas a morte só se dá estando disponível para a receber e será por sucessivas mortes e metamorfoses que nos aproximaremos do limite que é liminar da Origem.

No caso do homem, e das mortes que tem que sofrer no caminho da base para o vértice cimeiro do triângulo, as metamorfoses implicam, em primeiro lugar, que abandone o horizonte da objetividade em que está situado, mas não apenas da objetividade que faz do mundo tomando-o como coisa, é,

⁴⁸⁴ Cf., Idem, p. 173.

sobretudo, um abandono da objetividade que faz de si mesmo. Exige-se a renúncia do *mim* e do *me* para que o *eu*, que aí se oculta, se possa afirmar e manifestar em toda a sua plenitude.

Nas palavras de Eudoro, que inspirou a nossa reflexão: «Quem não renuncie a si mesmo, não morre; só acaba, e acaba, sem querer, por já não ter o que teve e sempre quis ter»⁴⁸⁵.

Embora Eudoro não o diga, é nossa posição que também aqui se afirma um triângulo de complementaridade, entre o Mito da Origem, que é Mistério, os mitos religiosos fundantes, fundadores das religiões, de deuses, da natureza, dos mundos e o Mito do Homem. Na mesma ordem de sentido, no vértice está o Mito da Origem e na base o Mito do Homem, oposto aos mitos fundantes; no vértice o Mistério e na base a objetividade oposta à trans-objetividade. Estamos em crer que assim é porque, embora o Mito do Homem seja um apartamento, uma recusa, uma separação, uma tentativa de destruição do próprio triângulo onde o homem se coloca no centro, em oposição a Deus e à Natureza, não deixa de existir no horizonte da objetividade uma certa nostalgia, ou até mesmo saudade, de uma convivência harmoniosa e indiferenciada, senão ainda com Deus, pelo menos com a Natureza.

Referências bibliográficas

BORGES, Paulo, *Pensamento Atlântico*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002

SOUSA, Eudoro de, *Mitologia*, Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1980 (2ª ed. com o título: *Mitologia I — Mistério e Surgimento do Mundo*, Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1988). A edição citada é: SOUSA, Eudoro de, *Mitologia. História e Mito*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004

⁴⁸⁵ Idem, p. 129.